

# Análise de domínio como perspectiva metodológica em organização da informação

**José Augusto Chaves Guimarães**

Livre-docência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) - Marília, SP - Brasil. Pós-Doutorado pela Universidad Carlos III de Madrid (UC3M) – Madrid - Espanha. Doutor em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo, SP - Brasil. Professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) - Marília, SP - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/6380929054652063>

*E-mail:* guima@marilia.unesp.br

Recebido em: 10/07/2014. Aprovado em: 22/06/2015. Publicado em: 15/01/2016.

## **Resumo**

Considerando o papel nuclear que os processos, produtos e instrumentos de organização do conhecimento ocupam na ciência da informação, aborda-se a perspectiva sociocognitiva da análise de domínio em sua contribuição metodológica para a pesquisa em organização do conhecimento. Para tanto, analisam-se seus aspectos históricos e conceituais para se chegar a suas perspectivas de aplicabilidade na organização do conhecimento.

**Palavras-chave:** Análise de domínio. Organização do conhecimento.

## ***Domain analysis as a methodological perspective in knowledge organization***

### **Abstract**

*Considering the core position that the knowledge organization processes, products and tools occupy in Information Science, it discusses the socio-cognitive approach of domain analysis and its methodological contribution to the knowledge organization research. In this vein, historical and conceptual aspects are analyzed in order to identify special application of domain-analysis procerus to the knowledge organization field.*

**Keywords:** *Domain analysis. Knowledge organization.*

## ***Análisis de dominio como perspectiva metodológica para la organización de la información***

### **Resumen**

*Considerando el papel nuclear que los procesos, productos e instrumentos de organización del conocimiento ocupan en la ciencia de la información, la perspectiva social y cognitiva del análisis de dominio es abordada, en su contribución metodológica para la investigación en organización del conocimiento. Para tanto, sus aspectos históricos y conceptuales fueron analizados, para alcanzar sus perspectivas de aplicabilidad en la organización del conocimiento.*

**Palabras clave:** *Análisis de dominio. Organización del conocimiento.*

## INTRODUÇÃO

Partindo da concepção tradicional da ciência da informação cunhada por Harold Borko há quase meio século, enquanto uma disciplina que encontra área de atuação na biblioteconomia, por exemplo, e que “investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processá-la para propiciar o melhor acesso e uso possível” (BORKO, 1968) observa-se, em seu cerne, um conjunto de macroprocessos, nomeadamente a produção, a organização e o uso da informação, em cujo âmbito se desenvolvem processos mais específicos.

Desse modo, tem-se um conhecimento gerado pela sociedade que, uma vez socializado por conta de sua materialização ou registro, constitui-se naquilo que Michael Buckland denomina “informação como coisa” (BUCKLAND, 1991). No entanto, para que esse conhecimento socialmente produzido possa ter uso social, necessário se torna um processo mediador, de organização, em que se estabelecem “substitutos do conhecimento” (*surrogates of knowledge*), de modo a que os contextos de produção e de uso possam ser colocados em diálogo.

Assim, tem-se um processo helicoidal (e não cíclico, como por muito tempo se acreditou), em que um conhecimento A é produzido, recebe uma organização B, tem um uso C e, desse uso e apropriação, gera-se um conhecimento D, que recebe uma organização E, para um uso F, etc. (GUIMARÃES, 2008).

Na atualidade, esse macroprocesso mediador, entre um conhecimento socialmente produzido e seu posterior uso social constitui área de estudos – a denominada organização do conhecimento - que transcende a ciência da informação, mas que hoje nela ocupa um dos mais significativos espaços de reflexão teórica, metodológica e, mais recentemente, vem sendo abordada a partir de seu contexto cultural.

## ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Para que se possa abordar teoricamente a organização do conhecimento enquanto área de estudos, inicialmente, há de se diferenciar o conhecimento como processo individual, uma *certeza subjetiva ou objetivamente conclusiva da existência de um fato ou do estado de um caso, não sendo transferível e somente podendo ser adquirido por meio da reflexão* (DAHLBERG, 1995, p.11) e quem vem sendo objeto de estudo, dentre outras, das ciências cognitivas, e o conhecimento que se situa enquanto algo sobre o que existe um certo consenso social, trabalhando-se aqui com o conhecimento registrado e divulgado, este, sim, objeto da organização do conhecimento.

Assim, e no que tange mais especificamente à ciência da informação, registram-se preocupações decorrentes da necessidade de sistematização e consolidação de um conhecimento (conjunto de saberes) verificável em dada sociedade em dado momento histórico, com objetivo de *transmissão* e, em um nível mais pragmático, da necessidade de resgate do conhecimento registrado em documentos, visando ao seu acesso, com um objetivo de *recuperação*.

Enquanto área de estudos, a organização do conhecimento remonta, como destaca Dahlberg (1993, p.211), à obra *A organização do conhecimento e o sistema das ciências*, de Evelyn Bliss, em 1931 e, em nossos dias, situa-se, como destaca Garcia Marco (1997, p.211) na encruzilhada de ciências como a psicologia, a epistemologia), a ciência da informação, a ciência da comunicação, a linguística, a matemática, a lógica e a ciência da computação.

Tendo seu marco institucional e investigativo mais importante na International Society for Knowledge Organization – ISKO, criada em 1989, na Alemanha (Frankfurt), por Ingetraut Dahlberg e Dagobert Soergel, a organização do conhecimento pode ser definida, em nossos dias, como uma disciplina:

(...) dedicada ao estudo e desenvolvimento dos fundamentos e técnicas do planejamento, construção, gestão, uso e avaliação de sistemas de descrição, catalogação, ordenação, classificação, armazenamento, comunicação e recuperação dos documentos criados pelo homem para testemunhar, conservar e transmitir seu saber e seus atos, a partir de seu conteúdo, com o fim de garantir sua conversão em informação capaz de gerar novo conhecimento. Trata-se, portanto, de uma ciência tridimensional, já que se ocupa dos princípios, métodos e instrumentos postos em ação para a gestão do conhecimento humano desde uma tripla perspectiva: sua representação, sua organização e sua comunicação documental. Não obstante, a Ciência da Representação, Organização e Comunicação do Conhecimento, denomina-se de modo mais comum e breve Organização do Conhecimento, devido a que a organização é o elemento mediador entre os outros dois atos; já que, por um lado, a representação se efetua com a finalidade de permitir uma eficaz organização, e, por outro, a comunicação exige uma correta recuperação, cujo êxito depende da qualidade da organização. (ESTEBAN NAVARRO; GARCIA MARCO, 1995)

Uma análise da revista *Knowledge Organization*, publicada pela ISKO e considerada a mais abalizada publicação científica da área, revela, há mais de uma década, e existência de uma preocupação da área em resgatar sua base epistemológica, seus traços conceituais, suas influências teóricas, seus matizes metodológicos, enfim, sua essência enquanto área de estudos. Tal fato se deve, em grande medida, a uma larga tradição da área, no decorrer de mais de um século, voltada para o estudo e o desenvolvimento de instrumentos e de produtos.

Desse modo, em um fascículo histórico, no ano de 2008 (v.35, n.2/3), a mencionada revista teve como tema a base epistemológica da área, tendo como ponto de partida a questão: “O que é organização do conhecimento?” (McILWAINE; MITCHELL, 2008, p.79-85; Hjørland, 2008, p.86-101), em cujo âmbito foram discutidas, entre outras questões, sobre a configuração epistemológica da área (TENNIS, 2008, p.102-112), e as questões investigativas que lhe são mais pungentes na atualidade (LÓPEZ-HUERTAS, 2008, p. 113-136; GNOLI, 2008, p.137-149).

Nessa busca de sua própria identidade, a organização do conhecimento, enquanto área de estudos, pode encontrar, na análise de domínio, destacado aporte metodológico.

## **ANÁLISE DE DOMÍNIO E SUA RELAÇÃO COM A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

A análise de domínio que, no âmbito internacional da ciência da informação, vem sendo tradicionalmente trabalhada, em termos teóricos e aplicados, por Hjørland e Albrechtsen (1995); Moya-Anegón & Herrero-Solana (2001), Hjørland (2002, 2004), Tennis (2003), e Smiraglia (2011), dentre outros, constitui marcante abordagem para caracterização e avaliação da ciência, na medida em que permite identificar as condições pelas quais o conhecimento científico se constrói e se socializa.

Como destaca Herrero Solana (2001, p.10), relativamente aos aportes instrumentais para a análise de domínio, observa-se que a análise de citação de elementos distintos (autores, títulos de periódicos, assuntos, regiões geográficas e instituições) vai muito além do estabelecimento de *rankings* e constitui relevante manancial de estudo tanto na área de ciência da informação quanto para as próprias comunidades científicas estudadas.

Por meio da análise de domínio torna-se possível verificar o que é efetivamente importante ou significativo em um dado campo, de tal modo que aspectos como tendências, padrões, processos, agentes e seus relacionamentos possam ser identificados e analisados (DANUELLO, 2007)<sup>1</sup>.

Como destaca Smiraglia (2011), a análise de domínio caracteriza-se pelo estudo dos aspectos teóricos de dado entorno, geralmente

---

<sup>1</sup> A análise de domínio vem sendo amplamente utilizada nas pesquisas do grupo SCIMAGO ([www.scimago.es](http://www.scimago.es)), da Universidad de Granada, coordenado pelo Prof. Dr. Felix de Moya Anegón. Nesse contexto, especial destaque merece o projeto Atlas de la Ciencia., mais especificamente em questões relativas a redes sociais.

representado por uma literatura ou comunidade de pesquisadores, constituindo um meio para a geração de novo conhecimento acerca da interação de dada comunidade científica com a informação.

O conceito de análise de domínio foi utilizado, inicialmente, por Neighbors, em 1980, na área de ciência da computação, no intuito de identificar elementos (operações, objetos e as relações deles decorrentes) que especialistas de dado domínio consideram como significativos para suas atividades (KERR, 2003). Como destacam Hjørland e Albrechtsen (1995, p.449), afirmou Neighbors, em 1980, que “the key to reusable software is captured in domain analysis is that it stresses the reusability of analysis and design, not code”.

Na ciência da informação, tal conceito foi inicialmente utilizado por Hjørland e Albrechtsen (1995), como uma nova perspectiva de abordagem para a investigação na área, cuja ênfase recai primordialmente no contexto (perspectiva sociológica) e menos no indivíduo (perspectiva cognitivista)<sup>2</sup>. Na realidade, e procurando não dar um tom bombástico à análise de domínio, como se pudesse ser a “reinvenção da pólvora”, os autores questionam: “*Análise de domínio é realmente algo novo? Ou é apenas vinho antigo em garrafas novas?*” (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

Nesse sentido, bem destacam Nascimento e Marteleto (2004, p.1), acerca de importância da concepção de análise de domínio, no sentido de que “a melhor maneira de se entender a informação na CI é estudar os domínios de conhecimento relacionados com suas comunidades discursivas, que são distintos grupos sociais sincronizados em pensamento, linguagem e conhecimento, constituintes da sociedade moderna”. Desse modo, como observa Danuello (2007), a análise de domínio encontra seu cerne no estudo de atividades e produtos de um dado entorno pois,

<sup>2</sup> Hjørland e Albrechtsen (1995, p. 400) definem o paradigma de análise de domínio primeiramente como um paradigma social, que concebe a CI como uma ciência social, considerando os contextos psicossocial, sociolinguístico e a sociologia do conhecimento e a ciência”. (DANUELLO, 2007, p.51)

“instrumentos, conceitos, significados, estruturas de informação, necessidades informacionais e critérios relevantes estão refletidos nas comunidades discursivas” (HJØRLAND, 2002, p.258).

Para tanto, o domínio, objeto de análise, decorre da aplicação de um princípio inerente à própria organização do conhecimento – a categorização – na medida em que a partir da identificação de um conjunto de traços comuns (que gera um critério ou diferença) é possível reunir coisas semelhantes e separar coisas diferentes, uma vez que coisas semelhantes tendem a se comportar de maneira semelhante: *Qui se rassemble se semble*.

Tendo como pressuposto a existência de uma comunidade discursiva decorrente da divisão social do trabalho, cujos integrantes são membros participantes ativos (essa *cumplicidade acadêmica* ajuda a definir os limites do domínio), o domínio atua como paralelo às disciplinas, contribuindo para a identificação de uma “ecologia do trabalho”.

Logo, a partir de um grupo com uma ontologia coerente que compartilha a mesma epistemologia, que lhe confere as fronteiras intelectuais, tem-se um colégio invisível que pressupõe elementos intelectuais comuns e um discurso efetivo que ocorrem em uma unidade socialmente estruturada. Assim, torna-se possível identificar, por um lado, correntes teóricas e, por outro, um “*social networking*” “do mundo acadêmico” (SMIRAGLIA, 2012).

Refletindo uma construção social (um acordo intersubjetivo) que depende de considerações pragmáticas de seus membros e da interação social entre eles existente, a análise de domínio permite identificar as categorias fundamentais do campo (a partir das questões e tópicos que os pesquisadores da área consideram relevantes para estudo) e, por conseguinte, as bases para sua garantia literária (BEGHTOL, 1995). Desse modo, o domínio constitui, como destaca Smiraglia (2012), uma importante unidade para a construção de sistema de organização do conhecimento.

Thellefsen e Thellefsen (2004, p. 179) definem os domínios de conhecimento como “uma demarcação de determinado conhecimento, seja ele fixado num contexto profissional ou não”. Já as comunidades discursivas, como destacam Hjørland e Albrechtsen (1995, p. 400), são distintos grupos sociais sincronizados em pensamento, linguagem e conhecimento, constituintes da sociedade moderna. Como destaca Danuello (2007, p.51), referindo-se a Thellefsen & Thellefsen (2004), “o conhecimento se constrói a partir da interação de unidades de conhecimento que são os conceitos, os quais se articulam em determinado domínio, refletindo o conhecimento de uma comunidade discursiva em particular”. Em suma, pode-se observar, em Thellefsen & Thellefsen (2004), que os domínios de conhecimento possuem uma sistemática própria para a criação e a estruturação de novos conhecimentos assim como formas próprias de construir e estruturar teorias e metodologias.

Tais aspectos vão ao encontro daquilo postulado por Ritzer (1991) ao referir-se aos estudos metateóricos, na medida em que, como destaca o autor, os domínios possuem uma sistemática própria para a criação e a estruturação de novos conhecimentos e, ainda, possuem formas próprias de construir e estruturar teorias e metodologias.

Hjørland e Albrechtsen não chegaram a efetivamente enunciar, de maneira mais específica, seu entendimento de domínio, apenas a eles se referindo como “comunidades de pensamento ou comunidades discursivas que integram a divisão social do trabalho” (HJØRLAND ; ALBRECHTSEN, 1995, p.401), o que, por sua vez, pode ser considerado “uma área de especialidade, um conjunto literário ou um grupo de pessoas trabalhando juntas numa organização” (MAI, 2005, p. 605), ou, ainda, “uma área de conhecimento, atividade, interesse ou aplicação com limites definidos” (LLORENS et al., 2004).

Portanto, foi apenas sete anos mais tarde que a dimensão conceitual da análise de domínio tornou-se mais nítida – e operacional - para a ciência da

informação, quando Hjørland (2002) enunciou um conjunto de 11 “abordagens” que, a seu ver, caracterizariam a análise de domínio, uma vez que é a partir da aplicação de mais de uma delas ao mesmo domínio que se torna possível melhor conhecê-lo enquanto tal.

São elas: produção de obras de referência; construção de linguagens de indexação; indexação e recuperação da informação; estudo de usuários; estudos bibliométricos; estudos históricos; estudos de gêneros/tipologias documentais; estudos epistemológicos e críticos; estudos terminológicos; comunicação científica; cognição científica; conhecimento especializado e inteligência artificial.

A produção de obras de referência (guias de literatura) possibilita a organização de fontes de informação de um domínio de acordo com a sua tipologia e as funções exercidas, dentro de uma perspectiva sistêmica. Logo, o levantamento, a classificação, a identificação da função, descrição, a avaliação (categorização de fontes mais significativas) e a elaboração de guias de orientação fornece especial subsídio para se identificar efetivamente qual o conhecimento gerado em dado domínio.

A elaboração de classificações e tesouros possibilita a organização das estruturas lógicas e dos conceitos de um domínio, assim como as relações semânticas entre os conceitos. Em consonância, a indexação e recuperação da informação atentam para as demandas temáticas específicas de cada domínio, possibilitando acesso mais rápido e direto e maior visibilidade ao universo de conteúdo de um domínio.

Os estudos de usuários são fundamentais à análise de domínio, pois permitem identificar necessidades informacionais em diferentes comunidades, possibilitando que um domínio seja organizado segundo preferências, comportamentos ou modelos mentais de seus usuários.

Os estudos bibliométricos (aqui inserindo-se as questões cienciométricas e informétricas), como destacam Hjørland & Albrechtsen (1995, p.450),

“organizam padrões sociológicos de reconhecimento explícito entre documentos individuais”. Para os referidos autores, as análises desse tipo contribuem para evidenciar não apenas a natureza de uma disciplina como também as relações entre disciplinas diversas, em um contexto mais amplo, tais como os padrões sociais na comunicação científica (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995, p. 403 e 413).

Hjørland (2003, p.91) faz referência a um conjunto de autores que empreenderam esforços para a integração de métodos bibliométricos com os métodos tradicionais de organização do conhecimento, dentre os quais destaca, além dele próprio, Kessler, Pao e Worthen, Rees-Potter, assim como Ingwersen.

Relativamente aos estudos históricos, epistemológicos e críticos, tem-se a abordagem de um domínio de conhecimento a partir de sua trajetória de construção, seus paradigmas, assim como dos seus fundamentos e dos conhecimentos (teorias, metodologia, aplicações) que lhes são específicos, ao que se aliam as possibilidades de diálogos que podem ser estabelecidos com outros domínios de conhecimento.

Adentrando especificamente na questão documental que subsidia o domínio, têm-se os estudos de gêneros (*genre studies*), voltados para as tipologias documentais inerentes a um dado domínio, ou, em outras palavras, as formas pelas quais os conceitos se articulam e se materializam a partir da tradição daquele domínio.

Os estudos terminológicos e de discurso de um domínio prestam-se para a análise de como, nesse domínio, se nomeiam conceitos, e se organizam palavras, textos e enunciados, segundo critérios semânticos e pragmáticos.

Em uma dimensão mais ampla, o estudo das estruturas e instituições da comunicação científica permitem que melhor se conheçam os principais atores e instituições segundo a divisão interna do trabalho no domínio.

Por fim, relativamente àquilo que denominam “cognição científica, conhecimento especializado e inteligência artificial”, Hjørland e Albrechtsen (1995, p.451)

observam que aqueles fornecem “modelos mentais de um domínio” ou, ainda, “métodos para obter conhecimento de modo a produzir sistemas especialistas”.

Como destacam os referidos autores, as abordagens da análise de domínio não devem ser utilizadas de forma isolada, mas combinadas entre si (ao menos duas) para que se chegue a caracterizações mais abrangentes do domínio.

Uma vez que busca caracterizar um domínio científico a partir do conhecimento por ele produzido, Hjørland (2003) considera a análise de domínio um processo organizativo por excelência que, ao aliar teoria e prática, propicia uma visão mais abrangente dos principais conceitos da área, sendo capaz de unir diferentes subdisciplinas, como bibliometria, organização do conhecimento e recuperação da informação (HJØRLAND, 2004).

Procurando especificar melhor as proposições de Hjørland, no intuito de dar-lhes maior aplicabilidade, Tennis (2003) propõe dois eixos a partir dos quais a análise de domínio pode ser abordada: as áreas de modulação e os graus de especialização.

Assim, as áreas de modulação “fornecem parâmetros para as denominações e os limites do domínio”; em outras palavras, sua denominação e seus objetivos. Para tanto, exemplifica com o domínio Religião que, apenas nominado dessa forma, pode servir tanto para a prática religiosa como para estudos da academia, e conclui que a área de modulação *nomeia*<sup>3</sup> o domínio e afirma o que nele está incluído – e o que não está (TENNIS, 2003, p.193).

Por sua vez, os graus de especialização qualificam e estabelecem a profundidade – a especificidade - de um domínio e, para tanto, o autor propõe graus de especialização, seja ele o foco (parâmetro usado para qualificar um dado domínio) e de intersecção (relações dialógicas com outros domínios, criando ou não novos domínios a partir daí).

---

<sup>3</sup> Utiliza-se aqui a terminologia adotada por Olson (2002) em *The Power to name*, relativa aos rótulos que se atribuem para denominar conceitos em dado contexto informacional.

A abordagem da análise de domínio vem sendo especialmente importante para a organização do conhecimento à medida que os processos de tratamento passam a ser abordados a partir do contexto de produção - e de uso - daquele conhecimento, o que vai ao encontro das atuais abordagens culturais da área, que vem sendo objeto de preocupação de pesquisadores como Antônio Garcia Gutierrez, Hope Olson, Caire Beghtol, Grant Campbell, Maria José Lopez Huertas e outros.

A título de exemplo, pode-se citar o próprio relatório Capes, elaborado anualmente pelos programas de pós-graduação do país, como um momento em que a análise de domínio pode ser especialmente útil na organização daquele conhecimento produzido pelo programa que, por sua vez, passa a ser considerado um domínio. Desse modo, aspectos como a caracterização daquela comunidade acadêmica, das bases teóricas e metodológicas que a permeiam, dos temas de pesquisa ali desenvolvidos, das redes de colaboração e de dialogicidade estabelecidas e da sua produção científica passam a ser elos indissociáveis que integram o complexo poliedro daquela dada comunidade discursiva.

Outros exemplos ainda podem ser dados no âmbito da utilização da análise de domínio na pesquisa em organização do conhecimento, tais como a comparação entre a terminologia da literatura científica de um domínio (p.ex. palavras-chave de artigos científicos) e as linguagens de indexação da área, a análise do universo e das relações entre referentes e correntes teóricas de um domínio ou, ainda, a análise das relações entre temas, referentes teóricos e correntes teóricas em um domínio.

## **CONCLUSÃO**

Como se pode observar, a análise de domínio é especialmente importante para a pesquisa em organização do conhecimento, notadamente no que se refere a estudos sobre a configuração epistemológica da área, os processos sociais que permeiam a construção da área (p.ex. produção e comunicação científica) e, ainda, para o desenvolvimento de sistemas de organização do conhecimento (como as linguagens de indexação, por exemplo), pois tal aspecto propiciará cada vez mais uma abordagem contextual, em consonância com os valores inerentes aos seus processos de produção e de uso, sem descon siderar, ainda, os elementos idiossincráticos que permeiam todo o processo de organização em si mesmo.

## REFERÊNCIAS

- BEGHTOL, C. Domain analysis, literary warrant, and consensus: the case of fiction studies. *Journal of the American Society for Information Science*, v.46, n.1, p.30-44, 1995.
- BORKO, H. Information Science: what is it? *American Documentation*, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968.
- BUCKLAND, M.K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, v.42, n.5, p.351-360, Jun. 1991.
- DAHLBERG, I. Current trends in knowledge organization. In: GARCIA MARCO, F. J. (Ed.). *Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación*. Zaragoza: Librería General, 1995. v.1, p.7-26
- \_\_\_\_\_. Knowledge organization: its scope and possibilities. *Knowledge Organization*, Frankfurt, v.20, n.4, p.211-222, 1993.
- DANUELLO, J.C. *Produção científica docente em tratamento temático da informação no Brasil: uma abordagem métrica como subsídio para a análise do domínio*. 2007. 122f. Dissertação (Mestrado) – UNESP, Marília, 2007.
- ESTEBAN NAVARRO, M.A.; GARCÍA MARCO, F.J. Las primeras jornadas sobre organización del conocimiento: organización del conocimiento e información científica. *Scire*, v.1, n.1, p.149-157, ene./jun. 1995.
- GARCIA MARCO, F.J. Avances en Organización del Conocimiento en España: los II Encuentros sobre Organización del Conocimiento en sistemas de información y documentación. In: \_\_\_\_\_. (Ed.) *Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación*. Zaragoza: Librería General, 1997.
- GNOLI, C. Ten long-term research questions. *Knowledge Organization*, v.35, n.2/3, p.137-149, 2008.
- GUIMARÃES, J.A.C.; Ciência da Informação, Arquivologia e Biblioteconomia: em busca do necessário diálogo entre o universo teórico e os fazeres profissionais. In: FUJITA, M.S.L.; GUIMARÃES, J.A.C. (Org.). *Ensino e pesquisa em Biblioteconomia no Brasil: a emergência de um novo olhar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 33-44.
- HERRERO-SOLANA, V. Producción científica de la Universidad Nacional de Mar del Plata: análisis de dominio. *Nexos*, v.8, n.14, p.4-10, 2001.
- HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches-traditional as well as innovative. *Journal of Documentation*, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002.
- \_\_\_\_\_. Fundamentals of Knowledge Organization. *Knowledge Organization*, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.
- \_\_\_\_\_. Domain analysis: a socio-cognitive orientation for Information Science research. *Bulletin of the American Society for Information Science and Technology*, v. 30, n.3, Feb./Mar. 2004. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Feb-04/hjorland.html>>.
- \_\_\_\_\_. What is Knowledge Organization, *Knowledge Organization*, v.35, n.2/3, p.86-101, 2008.
- \_\_\_\_\_.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 46, n. 6, p.400-425, 1995.
- KERR, E.S. *Ketib: um processo de representação de informações para textos complexos*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência da Computação) - UNICAMP, Campinas, 2003. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000311557>.
- LLORENS, J. et al. Automatic generation of domain representations using thesaurus structures. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 55, n. 10, p. 846-858, 2004.
- LÓPEZ-HUERTAS, M. J. Some current research questions in the field of Knowledge Organization. *Knowledge Organization*, v.35, n.2/3, p.113-136, 2008.
- MAI, J.-E. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. *Information Processing and Management*, v.41, n.3, p.599-661, May 2005.
- McILWAINE, I.; MITCHELL, J. What is Knowledge Organization. *Knowledge Organization*, v.35, n.2/3, p. 79-81, 2008.
- MOYA-ANEGÓN, F.; HERRERO-SOLANA, V. Análisis de dominio de la revista mexicana de investigación bibliotecológica. *Información, cultura y sociedad*, n. 5, 2001, p. 10-28.
- NASCIMENTO, D.M.; MARTELETO, R.M. A “informação construída” nos meandros dos conceitos da Teoria Social de Pierre Bordieu. *DataGramZero*, v. 5, n. 5, out./2004. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/out04/Art\\_05.htm](http://www.dgz.org.br/out04/Art_05.htm)>. Acesso em: 22/04/2013.
- OLSON, H.A. *The power to name: locating the limits of subject representation in libraries*. Dordrecht: Kluwer Academic, 2002.
- RITZER, G. *Metatheorizing in Sociology*. Lexington: Lexington Books, 1991.
- SMIRAGLIA, R.P. Domain coherence within Knowledge Organization: People, Interacting Theoretically, Across Geopolitical and Cultural Boundaries. In: MCKENZIE, P.; JOHNSON, K.; STEVENS, S. (Ed.). *Exploring interactions of people, places and information*. Fredericton: University of New Brunswick, 2011. 6p. (Proceedings of Annual CAIS/ACSI Conference, 39., 2011, Fredericton, Canada.)



\_\_\_\_\_. Epistemology of Domain Analysis. In: LEE, H-L.; SMIRAGLIA, R.P. (Ed.). *Cultural frames of knowledge*. Würzburg: Ergon, 2012. p.111-124.

TENNIS, J.T. Two Axes of Domain Analysis. *Knowledge Organization*, v. 30, n.3/4, p.191-195, 2003.

\_\_\_\_\_. Epistemology, theory, and methodology in Knowledge Organization: toward a classification, metatheory, and research framework. *Knowledge Organization*, v. 35, n. 2/3, p. 102-112, 2008.

THELLEFSEN, T.L.; THELLEFSEN, M.M. Pragmatic semiotics and knowledge organization. *Knowledge Organization*, v. 31, n. 3, p.177-187, 2004.